

*Kurt Drawert*¹

SEM FIM. SEM COMEÇO

... pois é, e eu de fato achei que precisaria voltar a estar mais uma vez nesta paisagem e região em que havia começado a escrever o livro, a fim de poder terminá-lo. Interessava-me recuperar, assim escrevi e me afirmava, a *perspectiva da visão e do pensamento*, que um retorno, que para o livro fora um antecipado *retorno nocivo*, fizera perder-se. Porque a partir de meu retorno senti-me como que tomado por uma doença, que me parecia ao mesmo tempo conhecida e adquirida. E era a doença da cidade, e a doença dos cômodos que adoecia o pensamento e o corpo, de maneira que o livro, escrevi eu, não podia ser terminado

AS CONVERSÇÕES NÃO OCORRERAM A DDR E SEU MITO

O imaginário que se torna real

Eu me lembro de uma imagem que no momento em que surgiu só poderia ser entendida simbolicamente e que apesar disto já era um indício do futuro. Na vitrine de uma loja de instrumentos ortopédicos no centro de Leipzig, havia, sobre as próteses de apoio e substitutivas, sobre as ataduras de proteção das articulações, Kotschiebern e urinóis, um transparente com os dizeres: “O socialismo vence, porque é verdadeiro”. O que parecia ser uma piada involuntária, já era uma dica. A imagem constituía uma destas inumeráveis cifras para o imaginário que começava a tornar-se real e para o princípio (ideal) que se equiparava às próteses, produzindo sua verdade, uma verdade que não significava o paradisíaco, como constava do script de uma ideologia libertária do comunismo mundial, senão seu espelhamento negativo. De modo que quando lidamos com o desfecho das idéias, ainda nos ocupamos com os instrumentos acima descritos de apoio à queda. E também a afirmação do fim da História parece estar apoiado quando o socialismo real emergiu como último administrador do imaginário e acolheu em si as utopias, que correspondiam a um cristianismo secularizado. A rigor a gente precisaria dizer que o fim da História foi atingido no momento em que foi fixada a idéia para a sua realização prática: na revolução de outubro de 1917. A posteriori faz sentido ver que o corpo que era o Estado, que representou este imaginário pelo menos retoricamente, foi mantido vivo artificialmente, pelo menos por uma parte dos europeus ocidentais, que temia instintivamente o fim da História. Esclarece retroativamente as idéias de apoio, que chegaram até a cegueira e ao mutismo culpado. Esclarece os mecanismos de projeção e de dependência simbiótica do sistema, os quais se legitimaram a partir da existência de seu oposto. E esclarece porque a DDR, até há pouco na sua posição de esquerda européia ocidental, foi tratada como correspondendo à crítica viva ao capitalismo e não como um regime totalitário.

(trad. Suzi Frankl Sperber)

¹ O escritor Kurt Drawert enviou alguns textos para que fossem publicados nesta revista. Entendeu-os como uma continuação da discussão sobre Literatura e Identidade.

CERRA OS OLHOS

disse o pai & tu vês
o que te pertence: & eu

cerrei os olhos mas
vi o que ele não queria
& não disse o que
eu via além das fronteiras
da sua imaginação
alemã: como a his-

tória começa com um menino
que está no espaço
& cerra os olhos

& ela termina com ele abrindo-os
quando a primavera
já está morta sob os

passos, aos quais um
professor indicava o compasso: &
ela termina num campo pre-

to, rasgado, no qual
ele estava & realmente não via
nada: assim como eu

não quero ver as coisas só para que
me digam como uma outra pessoa as vê com os olhos cer-
rados ou abertos

1984
(trad. Suzi Frankl Sperber)

...talvez sejamos todos
perdidos exilados
de um sentimento,
peões desempregados
de um jogo de xadrez de jogadas
pré-fixadas, agachados
nas escuras baixadas
dos instantes - talvez
como gatos moribundos
nos braços de belas
crianças supérfluas,
que cautelosamente,
de desfolhados arbustos
acenam para nós.

1993
(trad. Suzi Frankl Sperber)

... mas vazios como a paisagem
no fim da viagem, que eu,
como a queda do animal cego,
sem história, sem coração,
pois os espaços se tornaram para nós
estranhos como os dias diante de si mesmos
e os espaços não têm coração para mim
nem história, pisei,
já é a minha recordação, e irrefutadas
tremulam ao vento dessa primavera
as bandeiras dos fabricantes.

mas os textos
não se referem mais a nós e a nós como vazios
pois foi-nos dado usar um nome falso
e ver o fundo venenoso da nomeação,
destruir-se o coração,
e talvez o campo
das rosas selvagens
no círculo nostálgico
foi uma poça de sangue, e talvez
no fim das palavras
em verdade nunca ninguém
esperou por nós... e vazios
vamos para lá.

1994

(trad. Suzi Frankl Sperber)

DESCRIÇÃO DE SITUAÇÃO. RELATÓRIO PROVISÓRIO

Em L., na Saxônia, uma cidade
dos primórdios dos tempos
não tenho mais nada

a perder. Ganhei
a descoberta do fim
da origem. O que permanece

é o nome
de minha suposta
pessoa,

como figura nos timbrados
papéis oficiais
e que meu pé esquerdo

está para sempre doente e
perdido.
Aí, mesmo a liberdade

como murmúrio ordenado
no aquecedor não serve nada,
nada ajuda

o último belo trajeto de
todas as coisas de ontem
para a solução final

em nada ajuda a caridade
de esquecer os lugares
da decadência.

Quanto à política
não falo por imagens
há tempo nada mais.

e assim digo alto e claro:
os meus anos são até hoje
um rastro

de passos quebrados
pelas razões acima descritas
na areia de outro modo cinzenta.

1993
(trad. Suzi Frankl Sperber)

MUDANÇA DE LUGAR

Os meus amigos do Leste
eu não entendo
mais, da região
entre o Hamme e o Weser

não conheço ninguém.
Às vezes me cumprimenta
o camponês surdo-mudo
de em frente, ou um funcionário

vem cumpridor
e entrega
o que se podia temer
com mão frouxa

Em lugar algum cheguei
Em lugar algum fui acolhido.

Constato isso
sem pesar. O que, pois,

trarei para cá
se eu ficar,

o que deveria ficar
onde agora está.

O odor à madeira
molhada, apodrecida
de assoalho carcomido
está na memória

as conversas noturnas
não tiveram valor e já foram
vendidas aos
quatro ventos. Voyeurs

do saber tudo,
fomos,
com a garantia do silêncio
do inverno duradouro

Às costas, com belas frases,
que ruíram
em alguma parte do escritório
de uma repartição lamentável.

Isto
hoje
calam aos clamores
meus amigos de ontem,

pois de novo vale
evitar a palavra errada
no momento certo,
acertar tiro

abaixo no alvo seguinte.
Por isto digo agora com clareza:
vocês me enganaram. Eu
era um outro

no centro dos anos danificados.
E assim quando eu, por um segundo,
esqueço meu nome,
então entendo bem

esta descida aos infernos
da linguagem e queria lamentá-la
e considerar
a decomposição

de toda a consciência
com a brandura da luz outonal
que baixa docemente
entre as campinas

e na neblina as coisas
se vão como cansados
animais esfolados. Mas
eu não o entendo.

Mas meu corpo
ficou tranqüilo
e me cumprimenta
o camponês evitado.

1994
(trad. Suzi Frankl Sperber)

MAS NÃO É QUE TODOS SOMOS APÁTRIDAS

... certamente poderíamos ter respondido de forma breve e objetiva à pergunta de onde viemos, mas deve ter prevalecido em nós dois simultaneamente a sensação de sermos apátridas, de modo que ela respondeu “de Sonnenstadt” [da Cidade do Sol] e eu, “de Utopia”. Rimos, enquanto o homem ficava um pouco desconcertado e via que seu interesse amável por nós dois tinha sido ridicularizado, sem no entanto poder entender que não estávamos ridicularizando a sua pergunta, mas a resposta, pois devemos ter sentido muito claramente que a nossa cidade de origem não é a nossa pátria, e que também não correspondemos à nossa cidade de origem e que não queremos nos envolver de modo algum com ela e que não queremos que nos perguntem por ela e muito menos que nos relacionem com ela, com a qual se pode ter apenas uma relação externa. E como não existe nenhuma Cidade do Sol, nem Utopia, também não existe nenhuma pátria, mas apenas a terra de origem, ou quando muito, pensamos, como tínhamos estado em um hospital polonês durante um tempo, a língua comum atribui à palavra Pátria um sentido, mas a língua comum também só é comum exteriormente, e pode, no sentido mais profundo do entendimento (compreensão), ser uma língua totalmente incompreensível, pois não há uma pátria, quando ela não existe em nós mesmos. E consigo abandonar decididamente qualquer cidade, ou paisagem, pois sempre abandono uma terra estrangeira, trocando-a por uma outra terra mais desconhecida ainda, abandono uma cidade ou uma paisagem, ou uma origem com o sentimento de precisar negar uma relação com ela e de me sentir incomodado quando me perguntam por ela. Precisaríamos abandonar as coisas sempre que as tivéssemos amontoado ao nosso redor. Deveríamos abandonar a imagem que os outros fazem de nós, e à qual correspondemos por uma questão de hábito. Deveríamos abandonar decididamente os nossos nomes e as nossas palavras de tempos em tempos. Deveríamos abandonar os romances de nossas cabeças e a história de nossos corpos. Deveríamos abandonar a semântica de nossa língua. Mamãe se acocorava diante de mim e me ensinava a escrever “Estado de operários e de camponeses”, seus cabelos ondulados pelo calor da água do caldeirão de lavagem de roupa caíam desgrenhados sobre seu rosto. Mas também, eu era uma criança muito burra, a complicada palavra “revolução”, e daí a corrida de bicicleta pelo bosque, até Henningsdorf. Eu sentava no bagageiro e sonhava, quando encalhamos na areia e caímos, todas essas quedas que vivi e vi, ao nosso lado achavam-se acocorados entre os arbustos russos pacatos. Mamãe estava aterrorizada e suave, a cesta cheia de cogumelos frescos escorregou do guidão, virou e derrubou todo o seu conteúdo, que ela não queria recolher na sua pressa e medo, ela só queria

deixar o mais depressa possível este lugar outrora tão familiar e de repente tão perigoso. O caminho de areia estava sulcado por tanques, que estavam estacionados entre as árvores, camuflados com arbustos. Papai não voltou à noite para casa, o que tinha acontecido chamava-se fronteira. Esta dificuldade com as palavras. Também, eu era muito burro. O vizinho fechou seu galpão de ferramentas, virou-se para mamãe, que estava arrancando o inço junto à cerca, inclinou-se um pouco para ela e disse: Ele já aprendeu um pouco a ler e a escrever? Bem, gemeu ela, estamos justamente treinando cem vezes “Cidade de operários e de camponeses” e “Revolução”. Eu estava do lado da cerca de framboezas e pensava em Bärbel, que já estava decididamente virando mocinha, como se dizia em geral na aldeia. Imaginei-a nua nas crateras das bombas cobertas de mato, no vasto campo atrás da casa, como me gritava mas me mostra o seu pinto, vamos, mostra, e eu fiquei com um calorão no peito ao pensar nas palavras moita, arbusto, campo, mato, samambaia ou cratera de bomba, tão ruim em gramática, continuava pintando os veados de verde. Mamãe me ensinava noite adentro a ver a realidade, até que minha coluna se encurvou. Meus ombros caíram para a frente, temos que fazer alguma coisa, realmente, uma criança muito burra, que ainda por cima fica corcunda. Eu ficava pendurado - idéia de meu pai - na barra de pendurar os tapetes, enquanto meus braços agüentassem, situação em que ficava ereto, como todos gostavam, me mostra o seu pinto, eu a imaginava nua, nua nos buracos cheios de mato das bombas do vasto campo atrás da casa, eu estava do lado da cerca de framboezas enquanto ele perguntava, ele já aprendeu um pouco a ler e a escrever? Lá fora os tanques camuflados com arbustos, eu vejo minha mãe encalhar na areia, como caímos, a cesta cheia de cogumelos frescos escorregou do guidão, virou e derrubou todo o seu conteúdo, a complicada palavra “revolução”, a história do corpo já foi suficientemente descrita, precisamos abandoná-la, precisamos abandonar as nossas origens e precisamos abandonar as palavras de origem e suas imagens e tudo o que possa nos recordá-las. E as abandonamos conforme as enunciamos, precisamos antes de mais nada dizer tudo pelo menos uma vez, para então abandonar. Dizemos nosso amor, e o deixamos, temos uma língua, para deixá-la, e assim nos deixamos a nós mesmos, a fim de nos encontrarmos, consigo abandonar sem dor uma cidade e uma paisagem e uma origem, seja ela esta localidade em Holstein, ou na Saxônia, ou na Mark de minha infância, consigo sentar-me no carro e dar partida e abandonar tudo e para sempre sem esforço, pois não há pátria, já que ela não existe em nós. E não é que somos todos apátridas.

(trad. Suzi Frankl Sperber)